

EDUCAÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS COMO POSSIBILIDADE PARA UMA PRÁTICA INCLUSIVA

ANIMAL-ASSISTED EDUCATION AS A POSSIBILITY FOR INCLUSIVE PRACTICE

Catia Clein¹
Daniela Scherer²
Patrícia Graff³

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo compreender a influência da Educação Assistida por Animais sobre os processos formais empreendidos nas etapas iniciais da Educação Básica. Apresenta uma reflexão sobre a equiparação de oportunidades, especificamente no contexto da educação inclusiva, a partir dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem, problematizando as barreiras impostas pela concepção médica de deficiência e como isso afeta o acesso igualitário à educação. A pesquisa bibliográfica possibilitou o levantamento do referencial teórico e deu sustentação à pesquisa de campo, desenvolvida em uma escola de Educação Básica, ao longo do primeiro semestre de 2023. A EAA possibilitou o desenvolvimento de atividades prazerosas e estimulantes para as crianças, aproveitando a relação afetiva que estabeleceram com o cão como impulsionadora para a aprendizagem. As conclusões permitem afirmar que a interação entre as crianças e o cão foi uma oportunidade para promover autoconfiança, comunicação, aprendizagem e desenvolvimento de habilidades sociais.

Palavras-chave: inclusão; modelo social de deficiência; desenho universal para a aprendizagem; políticas educacionais; educação.

ABSTRACT

This study aims to understand the influence of Animal-Assisted Education on the formal processes undertaken in the early stages of Primary Education. It reflects on equal opportunities, specifically in the context of inclusive education, based on the principles of Universal Design for Learning, challenging the barriers imposed by the medical conception of disability and its impact on equal access to education. The literature review enabled the identification of the theoretical framework and supported the field research conducted in a Primary Education school throughout the first semester of 2023. Animal-Assisted Education fostered the development of enjoyable and stimulating activities for children, leveraging the emotional relationship they established with the dog as a

1 Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó. E-mail: catiaclein.cc@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2040-3504>

2 Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó. E-mail: daniellascherer@gmail.com

3 Doutora em Educação. Professora na Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó. E-mail: patricia.graff@uffs.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3315-2401>

catalyst for learning. The conclusions allow us to assert that the interaction between children and the dog was an opportunity to promote self-confidence, communication, learning, and the development of social skills.

Keywords: *inclusion; social model of disability; universal design for learning; educational policies; education.*

INTRODUÇÃO

Equiparação: Ação ou efeito de equiparar, de igualar, de conceder ou possuir o mesmo valor, condição, característica ou significado que outrem; equilíbrio (Dicionário online português, s/p, 2019).

De acordo com o dicionário, o significado da palavra equiparação é “conceder igualdade de possuir, acessar, proporcionar condições de igualdade a todos” (Dicionário online português, 2019, s/p). Muito reivindicada pelo campo da inclusão, a busca pela *equiparação de oportunidades* mobilizou e ainda mobiliza a luta das pessoas com deficiência e de outros grupos sociais, que buscam tensionar os preconceitos e os padrões impostos socialmente. A deficiência é produzida a partir de concepções biológicas, sociais e políticas. Neste trabalho, reconhecemos as diferentes perspectivas que a produzem e nos pautamos, sobretudo, na concepção social para pensar e repensar nossa prática educacional.

A Constituição de 1988 nos traz, como um dos seus princípios, em seu capítulo III, seção I, Art. 206, § 1º “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” (Brasil, 1988, s/p). No entanto, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996 - documento que rege a Educação Básica no país - quando aborda a Educação Especial, em seu capítulo V, artigo 58, § 2º - traz a seguinte afirmação: “o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes regulares de ensino regular” (Brasil, 1996, p. 40). Ou seja, a LDB de 1996, nessa passagem, baseia-se em um modelo de deficiência conhecido como modelo médico, que considera que o insucesso na apropriação ou no desenvolvimento de determinada atividade, concentra-se na incapacidade do aluno com deficiência, pois acredita-se que as dificuldades que enfrentam são decorrência de suas condições naturais. Autores como Diniz (2009) discutem, em seus estudos, como a perspectiva médica, que adentrou os espaços educacionais, impulsionou a produção de discursos capacitistas, potencializando a ideia de que as barreiras existentes na sociedade estão exclusivamente em sua deficiência. Esse movimento sustenta o uso recorrente de termos como: falha, falta, problema ou doença, perpetuando a ideia de que a deficiência é uma tragédia pessoal, e que é a condição do indivíduo que prejudica a sua participação na sociedade e na instituição escolar, ao invés de reconhecer as barreiras sistêmicas existentes.

Além disso, a concepção médica também encara as lesões como desvantagem natural e indesejada, algo a ser tratado ou corrigido, novamente remetendo a ideia de doença a ser curada. Devido a legislação educacional manter fortes vínculos com as concepções médicas, vemos que até mesmo para os profissionais da educação torna-se uma tarefa difícil desatrelar sua prática pedagógica dessas concepções e pensar um modelo educacional que questione os discursos de correção a serem desenvolvidos pela inclusão.

Nossa proposta inicial de pesquisa buscava desenvolver um planejamento que tornasse o ensino mais inclusivo para crianças com Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), visando

desenvolver a atenção dessas crianças. Para isso, pensamos na utilização de uma metodologia que ainda está sendo pouco pesquisada no Brasil mas, que durante nossos estudos mostrou atrair inúmeros benefícios: a Educação Assistida por Animais (EAA). No caso do TDAH, o que nos chamou a atenção foram os constantes relatos sobre as dificuldades de aprendizagem relacionadas às crianças com TDAH e, também, os altos índices de medicalização descritos pela literatura revisada na etapa inicial da pesquisa. As leituras de base bibliográfica redirecionaram a pesquisa de campo de modo a equiparar as condições de participação, para que todos os alunos pudessem desenvolver as atividades propostas.

Durante a realização da pesquisa e o aprofundamento dos estudos, percebemos aspectos importantes que deveríamos levar em consideração. Ao pensarmos uma prática inclusiva nos pareceu ainda mais importante abranger as diferenças apresentadas pelas crianças, sejam elas mobilizadas por alguma deficiência, pelo contexto social, por questões étnico-raciais ou de gênero. A EAA apresentou inúmeros benefícios, pois o foco não era centrado no aluno com TDAH, mas sim em toda turma, tomando como base o *Desenho Universal para a Aprendizagem*. Para Heredero (2020, p. 734) “a maioria dos currículos têm dificuldades em adaptar-se às diferenças individuais, temos que reconhecer que são estes, e não os estudantes, os que têm deficiências. Portanto, devemos corrigir os currículos e não os estudantes”. Compreendendo isso, nossa pesquisa não assumiu um público específico como foco, concentrando-se no desenvolvimento de toda a turma, a fim de proporcionar as condições para aprendizagem de uma maneira coletiva e inclusiva.

Nessa direção, buscamos entender melhor como se constitui o modelo social de deficiência e como pode mudar nossas perspectivas para realizarmos escolhas enquanto docentes. A partir do modelo social tornou-se possível pensar a deficiência de forma mais inclusiva e abriu-se espaço para a voz das pessoas com deficiência poderem falar sobre as suas condições de existência. Foi a partir da concepção social de deficiência que passaram a ser discutidas as barreiras sociais, que dificultam ou impedem a participação social de parcelas específicas da população. Para Diniz (2007, p. 79), “a garantia da igualdade entre pessoas com e sem impedimentos corporais não deve se resumir à oferta de bens e serviços biomédicos: assim como a questão racial, geracional ou de gênero, a deficiência é essencialmente uma questão de direitos humanos”.

Esse é o primeiro e um dos principais elementos a serem levados em conta para pensarmos o modelo social. Além disso, a autora complementa a ideia, salientando que, “quanto maiores forem as barreiras sociais, maiores serão as restrições de participação impostas aos indivíduos com impedimentos corporais” (Diniz, 2009, p. 67). Essas barreiras sociais também ancoram-se na concepção de que, para o modelo médico, corpos considerados incapazes não são produtivos e isso corrobora para a falta de consideração a essas pessoas em uma sociedade capitalista, em que se prioriza a produtividade. Dessa maneira, é possível compreendermos que a causa da opressão não está no corpo lesionado ou na deficiência em si, mas nas barreiras sociais que dificultam a participação das pessoas na sociedade (Diniz, 2007).

Assim, o modelo social de deficiência argumenta que as soluções não estão na Medicina, mas sim em ações políticas que impulsionem a eliminação dessas barreiras e promovam a inclusão de todas as pessoas na sociedade. Por isso, buscamos compreender o termo inclusão, a partir das suas variadas perspectivas. A inclusão pode ser entendida como:

um conjunto de práticas que subjetivam os indivíduos a olharem para si e para o outro, fundadas em uma divisão platônica das relações; também pode ser entendida como uma condição de vida em luta pelo direito de se autorrepresentar, participar de espaços públicos, ser contabilizado e atingido pelas políticas de Estado. [...] pode ser entendida como conjunto de práticas sociais, culturais, educacionais, de saúde, entre outras, voltadas para a população que se quer disciplinar, acompanhar e regulamentar (Veiga-Neto; Lopes, 2011, p. 126).

A noção de inclusão pode assumir diversos significados e implicações, dependendo do contexto em que é posta em circulação. Em primeiro lugar, ela pode ser vista como um conjunto de práticas que têm como objetivo levar os indivíduos a refletirem sobre si mesmos e sobre os outros, com base na premissa de que as relações interpessoais desempenham um papel fundamental em nossa compreensão do mundo. Nesse sentido, a inclusão envolve uma abordagem filosófica que valoriza a diferença e as conexões entre as pessoas, com a ideia de que as relações desempenham um papel essencial em nossa vida.

Além disso, a inclusão pode ser compreendida como uma condição que deve ser conquistada através da luta pelo direito das pessoas a se auto representarem, participarem em espaços públicos, serem reconhecidas e beneficiadas por políticas governamentais. Isso significa que a inclusão se torna um objetivo a ser perseguido, em que as pessoas buscam igualdade e reconhecimento como membros da sociedade, com acesso a oportunidades e direitos.

Por fim, a inclusão também pode ser interpretada como um conjunto de práticas em várias áreas, como social, cultural, educacional e de saúde, que visam disciplinar, monitorar e regular uma determinada população. Nesse contexto, a inclusão constitui uma estratégia para integrar grupos de pessoas que anteriormente eram marginalizadas ou negligenciadas, garantindo que se tornem parte das políticas e programas governamentais, com o propósito de regular suas vidas de forma mais eficaz.

Por andar sempre vinculada aos direitos humanos, a inclusão é tida como algo bom e, em muitos contextos, imune a críticas. No entanto, a expressão in/exclusão, nos parece mais adequada para traduzir as complexas dinâmicas sociais que caracterizam a sociedade contemporânea, em que o mercado e o Estado com inclinações neoliberais desempenham papéis proeminentes (Veiga-Neto e Lopes, 2011). Essa expressão visa refletir a convivência de todos os indivíduos em espaços físicos compartilhados, como escolas, ambientes de trabalho e comunidades.

Em outras palavras, a *in/exclusão* reconhece que a inclusão física em diferentes ambientes pode ser alcançada, mas muitas pessoas ainda experimentam a exclusão devido a barreiras sociais, econômicas ou culturais que dificultam a sua participação. Esse conceito destaca a importância não apenas de garantir o acesso a oportunidades, mas também de promover a equiparação das condições de participação, por meio da eliminação das barreiras que impedem as pessoas de se envolver na sociedade, na educação e no mundo profissional.

Com base nos conceitos brevemente abordados até aqui, esta pesquisa responder a seguinte interrogação:

que efeitos a participação do cão produz sobre os estudantes através de atividades pedagógicas direcionadas? Buscamos, como principal objetivo, identificar qual a influência da Educação Assistida por Animais sobre os processos formais empreendidos nas etapas iniciais da Educação Básica. Para tentar

responder à pergunta de pesquisa e aos objetivos apresentados, organizamos este trabalho de pesquisa em cinco seções. Na próxima seção, descreveremos a metodologia desenvolvida ao longo do trabalho, realizamos uma reflexão teórica e posteriormente apresentaremos a análise dos dados produzidos durante a pesquisa de campo. Para finalizar destacamos nossas considerações a respeito da pesquisa.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa optamos por adotar uma abordagem metodológica fundamentada nas pesquisas pós-críticas, pois, como salientado por Paraíso (2012), a pesquisa pós-crítica em educação é caracterizada por uma atenção às diferentes trajetórias individuais e impulsionada pelo desejo de explorar novas perspectivas no campo educacional. Esta escolha alinha-se com nossa intenção de promover uma prática de ensino focada no aluno, buscando uma abordagem diferenciada, mais aberta e flexível.

A pesquisa tem caráter qualitativo, pois possibilita a referenciação e a compreensão da realidade e do mundo dos significados (Minayo, 2012), sendo organizada a partir de duas ênfases: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. A fim de reunir um conjunto de textos para a composição da pesquisa bibliográfica, realizamos uma pesquisa na página eletrônica do Google, em busca de trabalhos no campo da EAA que pudessem compor nosso referencial teórico e que foram utilizados para o desenvolvimento da pesquisa e tramados às discussões que emergiram como resultados da pesquisa de campo. No seguinte quadro apresentamos uma descrição desses trabalhos, listando os títulos, os autores, a revista em que se encontram hospedados e o ano de publicação, em ordem decrescente.

Quadro 1 - Artigos Relacionados à Educação Assistida por Animais (EAA).

TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR	REVISTA	ANO
Educação Assistida Por Animais: A utilização do cão como recurso didático-Pedagógico	Warren Raphael Santos de Castro;	Especialização em Formação de Professores e Práticas Educativas), Instituto Federal - IF - Goiano	2021
A promoção da atenção e da memória por meio da Cinoterapia	Dayane Stephanie Potgurski; Fernanda Celeste Sánchez Weber; Renata Gomes Camargo; Camilla Fernandes Diniz; Luana Zimmer Sarzi; Maria Beatriz Paludo Pizzolotto;	Cadernos de Aplicação - UFSC	2020
Benefícios da Educação Assistida Por Animais: Uma revisão bibliográfica.	Simone Silveira Da Silva;	Especialização em Educação - UFPel	2020
Cinoterapia: práticas transdisciplinares para a qualificação do atendimento em educação especial e fonoaudiologia	Dayane Stephanie Potgurski; Renata Gomes Camargo; Luana Zimmer Sarzi;	CINTEDES - GALOA - UFSC	2019
Atividades Assistidas por Animais. Contribuições para o estímulo da aprendizagem e da fluência leitora por crianças no Ensino Fundamental.	Adinéia Parizotto; Luciane Belmonte Pereira;	Trabalho de Conclusão de Curso - IFSC - Campus Xanxerê.	2018

A Educação mediada por animais como atividade desenvolvente no processo de Aprendizagem de estudantes com Deficiência	Denise Medina Fidler;	Dissertação de Mestrado em Educação, Educação Especial - UFSM	2016
Educação, Atividade e Terapia Assistida Por Animais: Revisão Integrativa de Produções Científicas Brasileiras.	Elisa Alves de Almeida;	Dissertação de Mestrado em Educação: Psicologia da Educação - PUC	2016

Após a pesquisa bibliográfica dos trabalhos publicados sobre o tema, realizamos a leitura do material, para compreender mais sobre o assunto, buscando amparo teórico para pensarmos a prática que seria planejada e desenvolvida no trabalho de campo. Muitos trabalhos também trouxeram experiências práticas, o que nos proporcionou conhecer modelos de atividades que poderiam ser desenvolvidas, além de nos direcionar a pensarmos em outras.

A partir da revisão dessa literatura selecionada, organizamos a pesquisa de campo. Sobre ela parece-nos importante ressaltar que “focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana” (Gil, 2002, p. 53). Sendo uma pesquisa de campo que envolve seres humanos, nosso trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da UFFS, para análise e aprovação sob Certificação de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 64004222.0.0000.5564 e parecer de aprovação nº 5.820.045. No projeto encaminhado ao CEP especificamos os riscos e os benefícios, a proteção da privacidade de dados, e o consentimento informado, da ação que seria aplicada e posteriormente analisada.

Dessa maneira, todos os responsáveis pelos educandos tomaram conhecimento sobre a proposta da pesquisa através da professora regente e da gestão escolar e foram convidados a autorizar a sua participação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - Anexo A. Os educandos também foram convidados a assinar o Termo de Assentimento (TA) - Anexo B -, reafirmando o desejo de participar da pesquisa.

O campo de pesquisa foi uma escola estadual de Educação Básica, localizada do município de Chapecó, Santa Catarina e inclui, em seu recorte, uma turma de alfabetização do segundo ano do Ensino Fundamental, contando com 27 alunos. Dentre as condições de existência que ainda tem produzido estranhamentos às práticas escolares, destacamos que um estudante tem diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) e outro tem diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), além de outras crianças apresentarem dificuldades na aprendizagem.

As ações da pesquisa contaram com a colaboração de um binômio (Bombeiro e cão) do 6º Batalhão Regional de Bombeiros Militar de Chapecó - SC, que já atua desenvolvendo atividades de Terapia Assistida por Animais, as pesquisadoras e as professoras da turma - sendo uma regente e a outra segunda professora⁴. Os dados foram produzidos ao longo do primeiro semestre de 2023, envolvendo dois encontros semanais com duração de até 2 horas/aula, durante 4 semanas. Em um primeiro encontro realizamos a observação da turma e uma conversa inicial com a professora regente, a fim de identificar o perfil dos estudantes e dialogar sobre um planejamento que estivesse de acordo com o foco temático

4 Profissional contratado para atuar na Educação Inclusiva nas Escola de Santa Catarina. Sua atuação deve se dar na sala de aula do ensino regular em colaboração com os demais profissionais da Escola para garantir um ambiente educacional inclusivo.

que já vinha sendo desenvolvido junto a turma. Neste momento, a professora nos relatou que estava trabalhando com a alimentação saudável. O segundo encontro foi destinado a ambientalização entre a equipe da pesquisa e as crianças, a fim de identificar possíveis riscos quanto ao desenvolvimento das atividades cujos contornos e efeitos serão discutidos ao longo das análises. Todos os encontros aconteceram com a presença do binômio e das pesquisadoras e foram acompanhados pelas professoras da sala. As atividades traziam momentos de interação direta ou indireta com o cão e possibilitaram as reflexões que serão apresentadas de forma mais detalhada nas próximas seções.

TRILHANDO CAMINHOS DA INCLUSÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA UMA EDUCAÇÃO EQUITATIVA

O Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) foi criado por David Rose, Anne Meyer e um grupo de pesquisadores do *Center for Applied Special Technology* (CAST) em 1999, em Massachusetts. Foi desenvolvido pensando em uma arquitetura que fosse acessível por todos, como por exemplo as rampas. O projeto recebeu apoio do Departamento de Educação dos Estados Unidos naquele ano, de acordo com o documento do CAST sobre UDL, em 2006 (Zerbato, Mendes, 2018, p. 150).

Como o próprio nome diz, o DUA se caracteriza por um projeto que visa a equiparação de oportunidades, na aprendizagem, valorizando as singularidades. Se caracteriza por um conjunto de três princípios capazes de desenvolver currículos mais inclusivos e que atendem as especificidades dos alunos no cotidiano da sala de aula. O DUA nos proporciona respeitar as diferenças encontradas na aprendizagem, possibilitando a remoção de barreiras nos currículos escolares.

Para criar as condições para uma educação inclusiva, parece-nos oportuno nos amparar no DUA e nas suas perspectivas e possibilidades de repensar a escola, os currículos e em especial a sala de aula, pois, além de se pensar na educação, visando eliminar as barreiras para aprendizagem, ele se baseia na ética do cuidado e na justiça social.

Segundo Heredero (2020), o DUA, é pautado em três princípios, que fundamentam suas diretrizes. No primeiro princípio tem-se o objetivo de Proporcionar Modos Múltiplos de Apresentação (o que da Aprendizagem). Sendo a exploração de modos múltiplos de apresentações de conteúdo, como vídeos, textos, etc. Já o princípio II busca proporcionar Modos Múltiplos de Ação e Expressão (o como da Aprendizagem). Os estudantes diferem nas formas como procuram o conhecimento e expressam o que sabem, por isso a necessidade de promover diferentes tipos de ações para que ocorra tal mobilização. E o princípio III visa Proporcionar Modos Múltiplos de Implicação, Engajamento e Envolvimento (o porquê da Aprendizagem). A afetividade e as emoções são elementos fundamentais para a aprendizagem, por isso deve-se questionar, ao buscar mobilizar esse princípio: Como somos provocados a aprender? Sendo que tanto os fatores neurológicos, quanto fatores culturais podem afetar de alguma maneira.

Os princípios estabelecidos para tal proposta, são ancorados em aspectos que têm como premissa os estudos de três grandes sistemas corticais do cérebro envolvidos durante a aprendizagem: redes de conhecimento, estratégias e afetividade (Rose e Meyer, 2002). A partir dos princípios do DUA, buscamos compreender se a Educação Assistida por Animais (EAA) poderia se constituir em uma alternativa viável para a promoção de uma prática pedagógica inclusiva é possível para a educação formal.

Buscando definir um pouco o termo, a EAA é uma prática, dentre outras, que busca proporcionar a promoção da aprendizagem através de uma metodologia que envolve a relação humano e animal. Hoje a prática é amparada por um o grupo: Associação Internacional de Organizações de Interações Ser Humano - Animal (IAHAIO), formado por pesquisadores, e estudiosos da área pertencentes a diferentes países. Juntos eles compõem a associação líder auxiliando outras organizações preocupadas com o desenvolvimento da área das Interações Ser Humano-Animal (IHA) (IAHAIO, 2014-2018).

A EAA está dentro de um conjunto de Intervenções Assistidas por Animais (IAA) que tem como objetivo incorporar animais em serviços de saúde, educação ou assistência social. A EAA especificamente é uma intervenção orientada por objetivos, planejada, estruturada, dirigida e/ou implementada por profissionais da área da educação e aprendizagem (IAHAIO, 2018).

O documento também apresenta algumas diretrizes que visam orientar o trabalho com os animais, de modo que tanto os humanos quanto os animais envolvidos não sofram com nenhum prejuízo e mantenham sua saúde integral durante as intervenções. É importante conhecer o perfil do animal que participará da prática, visando prever eventuais influências externas e ambientais. Além disso, o treinamento dado ao cão, desde filhote, também tem influência na sua atuação durante as atividades.

A EAA possibilita ações estratégicas de ensino utilizando-se de animais como atores e auxiliares dos processos de ensino, e em nossos estudos, destacamos o cão - que ao longo da história da humanidade já desempenhou diversas funções, como caçador, animal de estimação, de resgate, de pastoreio, como segurança, entre outros papéis. Sendo um animal que apresenta natural afeição pelas pessoas, quando treinado para tal propósito, pode ser adestrado facilmente, aceita o toque e possui uma grande aceitação pelos humanos, além de desenvolver uma relação afetiva com pessoas de todas as idades.

A EAA, utilizada como estratégia de ensino, possibilita que a afetividade do cão seja um estímulo para o desenvolvimento de atividades, de maneira prazerosa, possibilitando à criança ter um papel ativo no processo. Becker (2003, p. 54), em seu estudo *O poder curativo dos bichos*, afirma que:

Crianças do mundo inteiro recorrem a seus bichos de estimação em momentos de tensão emocional. Quando se sentiam tristes, crianças alemãs da quarta série pesquisadas recorriam a seus animais, dizendo-lhes que preferiam a companhia de qualquer outra criança. Uma pesquisa de 1985, com crianças de Michigan entre 10 e 14 anos, constatou que 75 por cento voltavam-se para seus bichos de estimação quando estavam perturbados. As crianças destacavam a capacidade do animal de escutar, tranquilizar, demonstrar aprovação e proporcionar companheirismo.

De acordo com ele, entendemos que a afetividade e o fato de o cão ser visto pela criança como um companheiro e não como alguém que está ali para avaliá-lo, é um importante fator que aproxima a criança e promove o interesse pelas atividades desenvolvidas. A interação possibilita às crianças desenvolverem a autoconfiança e a comunicação, ao medirem ou relatarem quais atividades foram desenvolvidas com o cão, pois é no compartilhamento de experiências e vivências que a criança vai construindo sua subjetividade.

Para Fidler (2016), a Educação Assistida por Animais (EAA) mediada por cães é cheia de oportunidades, possibilitando ao sujeito a aprendizagem de novas tarefas e de novos comportamentos, que poderá ocasionar um aumento do potencial de respostas adaptativas necessárias, com novas

formas de agir e de organizar tarefas cotidianas, (...) “utilizando os processos psicológicos superiores, dentre eles, memória, percepção, linguagem, atenção, consciência, organização do pensamento, criatividade e proposição para novos conceitos e novos significados para sua interação com seus pares” (Fidler, 2016, p. 35).

Com as observações da experiência realizada em campo, identificamos que as manifestações das crianças iam ao encontro dos princípios e da concepção do DUA. Durante a realização do nosso projeto, buscamos observar se o cão despertaria o interesse e a motivação dos estudantes diante da proposição de atividades. Atividades estas que estavam alinhadas a um objetivo e tiveram diferentes formas de aplicação. Todo nosso planejamento ocorreu de maneira coletiva, tanto com a professora regente, quanto com o Binômio (bombeiro e cão). Juntamente com a professora delimitamos o tema “frutas e vegetais”, discutimos as atividades com o Bombeiro que auxiliou nas atividades e mediou a participação do cão.

Na próxima seção traremos a análise da experiência juntamente com os elementos que evidenciam as possibilidades de um planejamento de acordo com os princípios e diretrizes propostas pelo DUA, além de responder e evidenciar os objetivos propostos pela pesquisa, tomando a EAA como metodologia de ensino.

REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE CAMPO

Antes de mais nada, lembramos que o DUA é pensado para o desenvolvimento de um currículo inclusivo e capaz de atender as diferenças existentes em nossa sociedade. Nossa prática não teve interferências no currículo escolar da instituição, mantendo-se dentro do que já estava posto, buscamos pensar em atividades, materiais, ferramentas que pudessem se constituir como uma possibilidade para a educação formal. Ao planejar atividades a partir de conteúdo proposto pela professora regente, buscamos envolver o cão, mudar o ambiente, proporcionar atividades lúdicas com e sem movimento, que estimulasse os sentidos (tato, visão e audição) e promover o trabalho em grupo.

Para realizarmos a análise de algumas ações/atividades, nos pautamos nos princípios do DUA que já foram citados anteriormente, mas serão aprofundados agora. O primeiro princípio é Proporcionar Modos Múltiplos de Apresentação (o que da Aprendizagem). Os alunos têm diferentes maneiras de perceber e entender as informações que lhes são apresentadas. Algumas pessoas podem assimilar informações mais rapidamente ou de maneira mais eficaz por meio de estímulos visuais ou auditivos do que através de texto escrito. Além disso, a aprendizagem pode ser facilitada quando se utilizam várias formas de apresentação, permitindo que os alunos estabeleçam conexões internas e entre conceitos. Isso pode ser alcançado apresentando as informações de maneiras diversas, como por meio da visão, da audição ou do tato, para atender às diferentes necessidades dos alunos. A diversidade de abordagens de apresentação pode ajudar os alunos a internalizar o conhecimento de maneira mais completa e a transferir o que aprenderam para diferentes contextos (Heredero, 2020).

O segundo princípio é propor modos múltiplos de ação e expressão (o como da aprendizagem). Os estudantes possuem diferentes maneiras de estar em um ambiente de aprendizagem e de demonstrar o que já sabem. Alguns podem ser proficientes na expressão por escrito, mas podem encontrar desafios na comunicação oral, e vice-versa. Além disso, tanto a ação quanto a expressão exigem várias

estratégias, práticas e organização, áreas em que os alunos podem se destacar de maneiras distintas. Portanto, não existe uma abordagem única e ideal para ação e expressão que funcione para todos os alunos. É crucial oferecer alternativas diversas para que os alunos possam demonstrar o conhecimento que adquiriram (Herederer, 2020).

E o terceiro princípio é Proporcionar modos múltiplos de implicação, engajamento e envolvimento (o porquê da aprendizagem). O aspecto emocional desempenha um papel fundamental na aprendizagem, e, como resultado, os alunos variam consideravelmente em termos de seu nível de envolvimento e motivação para aprender. Essas diferenças podem ter várias origens, incluindo fatores neurológicos, culturais, pessoais, subjetivos e experiências anteriores (Herederer, 2020).

Esses três princípios são indissociáveis, e podem estar presentes em maior ou menor grau em cada ação/atividade apresentada. A primeira consideração que gostaríamos de fazer é que a EAA, com a participação do cão, se tornou um estímulo para o desenvolvimento de atividades, de maneira prazerosa, possibilitando às crianças terem um papel ativo no processo. Sendo importante ressaltar que isso era algo discutido no referencial teórico que lemos, e que vai ao encontro do III princípio do DUA, que é o princípio da implicação, engajamento e envolvimento (o porquê da aprendizagem). O aspecto emocional é de grande relevância para que haja o engajamento na aprendizagem, e ao apresentarmos o Binômio (cão e Bombeiro) percebemos e ouvimos relatos que as crianças possuem muita afinidade com os animais de estimação, e a maioria tinha um cachorro em casa como sua companhia, e assim a presença do Nero só alegrou seus dias e gerou o engajamento para participar das atividades. O princípio III do DUA, que é o de engajamento, permeou todas as ações realizadas.

Para corroborar com essa afirmação, trazemos uma passagem do diário de campo, quando uma criança destacou gostar da presença do cão Nero por ser algo “diferente”, enquanto outra revelou não ter medo dele, ao contrário de outros cachorros (Diário de Campo, 12/05/2023). O contato com Nero trouxe uma redescoberta de sentimentos e introduziu um elemento novo, transformando a rotina escolar e trazendo mais alegria ao processo de aprendizagem. Trazemos, também, recortes do diário de campo no segundo dia: “ao final, na última etapa da atividade, a professora afirmou que estava feliz com a forma como eles se envolveram com a atividade e prestaram muita atenção, fazendo tudo como instruído” (Diário de campo, 04/05/2023). Nesse dia, após cumprimentarmos as crianças, as convidamos a nos acompanharem até o ginásio, onde um circuito já estava organizado. Explicamos a elas que o Nero faria o circuito e elas deveriam observar, para em seguida realizar o circuito como o Nero havia feito. No final do circuito o Nero pegaria uma das muitas frutas de pelúcia que estavam ali, para que assim a criança escrevesse o nome da fruta em um cartaz, com o auxílio de uma das professoras pesquisadoras. Depois que todas as crianças finalizaram o circuito e a escrita, as dividimos em dois grupos e pedimos que escrevessem uma frase com a temática das *frutas e vegetais*, o qual cada grupo se organizou para desenvolver.

Nesta atividade, foi possível identificar que o princípio I do DUA permeou nossas ações, pois foram proporcionados modos múltiplos de apresentação (o que da aprendizagem) pois, explicamos a atividade de maneira oral, em seguida o Nero fez o circuito para todos observarem, estimulando o visual, e para a execução do circuito as crianças utilizaram a parte motora, as frutas que estavam dispostas se caracterizavam como uma opção tátil. Antes de as crianças escreverem puderam visualizar e manusear,

e em seguida o desenvolvimento da escrita da frase em grupo possibilitou o diálogo e a cooperação. Além de toda a atividade serem realizada em ambiente diferente da sala de aula, que foi o ginásio.

Outro recorte do Diário de Campo é do quinto encontro, quando desenvolvemos uma atividade em que houve a divisão da turma, para o desdobramento da ação. Em um ambiente ficou uma pesquisadora que contava com materiais como cartaz, caneta, canetões e lápis de cor, para que nessa atividade ocorresse o diálogo com as crianças a respeito da presença do Nero na escola, buscando saber suas considerações. No outro ambiente ficou a outra pesquisadora com os enigmas sobre as frutas, com o Binômio, e com o objetivo de organizar duplas, para que após a resolução dos enigmas, a dupla pudesse guiar o Nero e encontrar o Tesouro Escondido.

Analisando o primeiro momento descrito acima, foi proporcionado às crianças que pudessem se manifestar a respeito da experiência de variadas formas. Primeiramente através do diálogo, de forma oral e após a confecção de um cartaz que podia conter tanto frases quanto representações em forma de desenho. A pesquisadora buscou identificar nestas variadas formas de expressão se os objetivos de aprendizagem estavam sendo alcançados e se a experiência estava sendo positiva para as crianças. Além disso, pode-se identificar como cada uma prefere se manifestar. Caracterizando assim, a presença do Princípio II do DUA que consiste em proporcionar modos múltiplos de ação e expressão, transformando o diálogo em representações (o como da aprendizagem).

Já na segunda atividade descrita, nominada de *Caça ao Tesouro das Frutas*, a organização em duplas possibilitou a colaboração e o diálogo entre os colegas, tanto para a leitura quanto para a resolução do enigma. Estimulando assim o visual, o raciocínio lógico e a organização da dupla, na execução das tarefas. Enquanto um leu, o outro guiou o Nero à procura da fruta. Nesta atividade eles também puderam desenvolver sua oralidade, sua leitura, os conceitos apreendidos sobre as características dos alimentos e sua motricidade ao repetir as instruções realizadas pelo bombeiro para guiar o cão. Nessa prática podemos observar, que os três princípios do DUA permearam nossa ação, trouxemos diferentes modos de apresentação, como consta no Princípio I, possibilitamos diferentes modos de ação e expressão durante a atividade, como é abordado no Princípio II, além de oportunizar a auto organização das duplas para a atividade. O Princípio III, esteve presente pois guiar o Nero foi um fator de motivação para o desenvolvimento da atividade, e a resolução do enigma foi um desafio proposto que manteve o interesse pela participação e colaboração durante a atividade.

Sendo assim, identificamos através da pesquisa de campo, somando-se ao referencial teórico que embasou nossa pesquisa, que a EAA constitui um campo de atuação que pode contribuir significativamente para o processo de aprendizagem das crianças, pois a autoconfiança e a comunicação se mantiveram constantes durante o desenvolvimento das atividades. Assim como a linguagem, a atenção e a organização, foram questões abordadas de diferentes maneiras, possibilitando observarmos que todos os alunos conseguiram desempenhar as tarefas, à sua maneira, com êxito. O cão, em nosso trabalho de campo, desenvolveu um papel central, com ele as crianças demonstraram afetividade, eram espontâneas e realizavam as ações com mais tranquilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em nossa fundamentação teórica, planejamos ações para a pesquisa de campo, visando entender como a participação do cão ao interagir com as crianças poderia impactar a prática pedagógica. Nosso objetivo principal era avaliar que efeitos essa prática produziria nos estudantes. Ao longo do percurso da pesquisa de campo e realizando a análise dos dados coletados, observamos efeitos positivos da interação do cão, tanto no aspecto emocional - gerando alegria e interesse nas crianças - quanto no cognitivo, ao estimular o envolvimento ativo dos estudantes nas atividades propostas.

A EAA constituiu uma ferramenta viável para aprimorar a experiência educacional das crianças, destacando a importância de uma abordagem flexível e da eliminação de barreiras para garantir não apenas o acesso, mas também a participação efetiva de todos os alunos na sociedade e na educação.

A implementação prática da EAA revelou-se positiva, proporcionando atividades prazerosas e estimulantes para as crianças, aproveitando a relação afetiva estabelecida com o cão. A interação entre as crianças e o animal não apenas promoveu a autoconfiança, a comunicação e o desenvolvimento de habilidades sociais, mas também demonstrou uma correlação com os princípios do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA).

Destacamos que foi primordial para o desenvolvimento deste trabalho a colaboração entre os profissionais envolvidos na mediação da interação com o cão, alinhando a prática aos objetivos educacionais, sem interferir no currículo estabelecido, mas enriquecendo-o. A evidente motivação e interesse despertados nos estudantes revelam que EAA possui um grande potencial enquanto uma estratégia de ensino inclusiva.

Para nós é importante destacar que a integração da EAA, pautada nos princípios estabelecidos pelo DUA promove uma prática educacional que se alinha ao modelo social de deficiência e proporciona a possibilidade de criar ambientes educacionais mais inclusivos, considerando as diversas formas de aprendizagem, participação e expressão dos alunos, considerando uma realidade composta pela diferença. O estabelecimento do vínculo emocional entre os alunos e os animais emerge como um componente valioso para o desenvolvimento das habilidades sociais e cognitivas das crianças. Portanto, com estas reflexões reforçamos a importância de repensar continuamente as práticas pedagógicas, adotando abordagens inclusivas e flexíveis para garantir uma educação equitativa e acessível a todos os alunos.

REFERÊNCIAS

CASTRO, W. R. S. de. **Educação Assistida por Animais: a utilização do cão como recurso didático-pedagógico**. Especialização (Especialização em Formação de Professores e Práticas Educativas), Instituto Federal Goiano, Ceres-GO, 2021.

BECKER, M. **O poder curativo dos bichos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Casa Civil, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996 - Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Casa Civil, 1996

DINIZ, D. Deficiência, direitos humanos e justiça. In: **Revista Internacional de Direitos Humanos**. v. 6, nº 11, p. 65 - 77, dez 2009. Disponível online em: <https://www.scielo.br/j/sur/a/fPMZfn9hbJYM7SzN9bwzysb/?lang=pt>. Acesso em: 13 out. 2023.

FIDLER, D. M. **A educação mediada por animais como atividade desenvolvvente no processo de aprendizagem de estudantes com deficiência**. Dissertação (Mestre em Educação, Educação Especial) Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Maria-RS, 2016.

HEREDERO, E. S. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) Universal Desing Learning Guidelines. In: **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v. 26, n. 4, p.733-768,out/dez, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/F5g6rWB3wTZwyBN4LpLgv5C/>. Acesso em: 21 dez. 2023.

IAHAIO. **Definições da IAHAIO para as Intervenções Assistidas com Animais (IAA) e Diretrizes para o bem-estar dos animais envolvidos**. [S.l.], 2018. Disponível em: <https://iahaio.org/wp/wp-content/uploads/2022/02/iahaio-white-paper-2018-portuguese.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

GIL, C. A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4o ed., São Paulo: Editora Atlas, 2002.

MENDES, E. G.; ZERBATO, A. P. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. **Educação Unisinos**. São Carlos- SP, v. 22, n. 2, p. 147-155, abr./junho, 2018.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições Ltda, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciências e Saúde Coletiva, Maguinho-RJ, p. 621-626, 2012.

PARIZOTTO, A. PEREIRA, L. B. **Atividades Assistidas por Animais: contribuições para o estímulo da aprendizagem e da fluência leitora por crianças no ensino fundamental**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso - Concepções Multidisciplinares em Leitura. Xanxerê-SC, 2018.

POTGURSKI, D. S. et al. A promoção da atenção e da memória por meio da Cinoterapia. **Cadernos de Aplicação**, Porto Alegre, v. 3, n.º 2, p. 1-12, jul.- dez., 2020.

POTGURSKI, Dayane Stephanie. et al. Cinoterapia: práticas transdisciplinares para a qualificação do atendimento em educação especial e fonoaudiologia. **CINTEDES**, Florianópolis, vol. 1, 2019.

ROSE, D.H.; MEYER, A. 2002. Ensinar cada estudante na era digital: Design universal para aprendizagem. Alexandria, **ASCD**, 216 p., 2013

SILVA, S. S. da. **Benefícios da educação assistida por animais: uma revisão bibliográfica**. Curso de Especialização em Educação - Área de Concentração: Educação, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação - Área de Concentração: Educação, 2020.